

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia ▪ Teologia ▪ Prática

Volume 15
Número 1
Junho 2026

ESCOLA GLOBAL DE EVANGELISMO, BRASIL, NOVA INGLATERRA E ÁSIA: UMA PARCERIA ESTRATÉGICA PARA A MISSÃO REVERSA

Global Evangelism School, Brazil, New England, and Asia: A Strategic Partnership for Reverse Mission

Me. Liete Soares Júnior¹

RESUMO

Este artigo analisa o surgimento e desenvolvimento da Escola Global de Evangelismo como uma plataforma internacional de formação missionária transcultural, criada para equipar pastores, líderes e obreiros cristãos para os desafios contemporâneos da evangelização global. Nos últimos dois anos, a iniciativa tem desenvolvido um modelo híbrido de capacitação, combinando educação teológica online, acompanhamento pastoral, discipulado contínuo e encontros presenciais em diferentes contextos culturais, alcançando líderes na Índia e no Nepal. O estudo argumenta que a parceria entre a Faculdade Batista Pioneira de Ijuí (RS, Brasil), as Baptist Churches of New England (BCNE), a New Life Community Church e líderes cristãos asiáticos representa um novo paradigma de cooperação missionária internacional. Esse movimento conecta o Sul Global, representado pelo Brasil, com a América do Norte e a Ásia, formando uma rede missionária baseada em mutualidade, capacitação e intercâmbio cultural. A Escola Global de Evangelismo surge dentro do contexto mais amplo da Missão Reversa, entendida como o movimento no qual igrejas e líderes provenientes da América Latina, África e Ásia participam ativamente da evangelização, revitalização e plantação de igrejas em regiões historicamente consideradas centros de envio missionário, como Europa e América do Norte. A experiência desenvolvida na região do Rajastão, norte da Índia, e no Nepal demonstra que, em ambientes marcados por complexidades religiosas, culturais e sociopolíticas, a formação de líderes locais, o discipulado profundo e a educação teológica contextualizada tornam-se ferramentas

¹ Pastor, missionário e educador. Mestre em Divindade e em Estudos Teológicos com concentração em Missões Transculturais. E-mail: liertesoaresh@icloud.com

essenciais para o fortalecimento da igreja e a expansão do Evangelho. O artigo propõe que modelos colaborativos como este apontam para uma nova era da missão mundial, na qual o Reino de Deus é construído por meio de parcerias globais e não apenas por fluxos tradicionais de envio missionário.

Palavras-chave: Missão reversa. Escola Global de Evangelismo. Educação teológica. Índia. Nepal. Liderança missionária. Cooperação global. Missiologia.

ABSTRACT

This article examines the emergence and development of the Global Evangelism School as an international platform for cross-cultural missionary formation designed to equip pastors, leaders, and Christian workers for contemporary challenges in global evangelization. Over the past two years, the initiative has developed a hybrid training model combining online theological education, pastoral mentoring, continuous discipleship, and face-to-face gatherings in different cultural contexts, reaching leaders in India and Nepal. The study argues that the partnership between Pioneira Baptist College (Ijuí, Brazil), the Baptist Churches of New England (BCNE), New Life Community Church, and Asian Christian leaders represents a new paradigm of international missionary cooperation. This movement connects the Global South, represented by Brazil, with North America and Asia, creating a missionary network based on mutuality, empowerment, and cultural exchange. The Global Evangelism School emerges within the broader context of Reverse Mission, understood as the movement in which churches and Christian leaders from Latin America, Africa, and Asia increasingly participate in evangelizing, revitalizing, and planting churches in regions historically viewed as missionary-sending centers, such as Europe and North America. The experience developed in Rajasthan, Northern India, and Nepal demonstrates that, in environments marked by religious, cultural, and sociopolitical complexities, the development of local leaders, deep discipleship, and contextualized theological education become essential tools for strengthening the church and advancing the Gospel. This article suggests that collaborative models such as this represent a new era in global mission, where the Kingdom of God is advanced through global partnerships rather than traditional patterns of missionary sending alone.

Keywords: Reverse mission. Global Evangelism School. Theological education. India. Nepal. Missionary leadership. Global cooperation.

INTRODUÇÃO

O cenário missionário do século XXI apresenta profundas transformações na dinâmica da expansão do cristianismo global, revelando uma mudança significativa nos centros de influência, nos fluxos missionários e nas formas de cooperação entre igrejas de diferentes continentes. Durante grande parte da história moderna, especialmente a partir do período colonial e do grande movimento missionário dos séculos XVIII e XIX, a missão cristã foi marcada por um modelo predominantemente ocidental, no qual igrejas localizadas na Europa e posteriormente na América do Norte enviaram missionários para regiões da África, Ásia, América Latina e Oceania. Esse movimento foi responsável pela tradução das Escrituras, implantação de igrejas, criação de instituições educacionais e desenvolvimento de importantes estruturas eclesiais em diversas partes do mundo. Entretanto, como observa David J. Bosch (2002), a compreensão de missão passou por profundas mudanças paradigmáticas, deixando de ser vista apenas como uma atividade realizada por determinados centros geográficos e passando a ser entendida como participação da Igreja na missão de Deus (*Missio Dei*). A missão, portanto, não pertence exclusivamente a uma cultura, nação ou

tradição denominacional, mas é uma expressão global do propósito redentor de Deus para todos os povos.

Nas últimas décadas, o crescimento do cristianismo no chamado Sul Global tem alterado significativamente esse cenário histórico. Regiões anteriormente reconhecidas principalmente como campos receptores da atividade missionária passaram a desenvolver comunidades cristãs fortes, movimentos evangelísticos, centros de formação teológica e novas expressões de liderança missionária. O crescimento da fé cristã na América Latina, África e Ásia demonstra que a vitalidade do cristianismo não está mais concentrada exclusivamente no Ocidente. Philip Jenkins (2011) destaca que o centro demográfico do cristianismo mudou profundamente durante o século XX, deslocando-se progressivamente para o hemisfério sul e para sociedades não ocidentais. Essa mudança representa não apenas uma transformação estatística, mas uma nova realidade missiológica: igrejas provenientes de contextos anteriormente considerados periféricos passaram a contribuir ativamente para a evangelização mundial, enviando missionários, plantando igrejas e formando líderes transculturais.

Esse movimento tem sido identificado por diversos estudiosos da missão como parte de uma nova dinâmica denominada “Missão Reversa”. O conceito descreve o fenômeno no qual comunidades cristãs do Sul Global passam a participar da evangelização e revitalização espiritual de regiões historicamente associadas ao envio missionário, especialmente Europa e América do Norte. Contudo, a Missão Reversa não deve ser compreendida simplesmente como uma inversão geográfica do antigo modelo missionário, substituindo missionários ocidentais por missionários não ocidentais. Ela representa uma transformação mais profunda na compreensão da missão, baseada na mutualidade, na parceria e no reconhecimento de que todas as culturas podem contribuir para o cumprimento da Grande Comissão. Segundo Andrew F. Walls (2002), a expansão do cristianismo demonstra uma constante capacidade de atravessar fronteiras culturais, sendo apropriado por diferentes povos e adquirindo novas expressões dentro de cada contexto histórico e social.

Dessa forma, a Missão Reversa desafia modelos tradicionais que frequentemente associavam capacidade missionária, produção teológica e liderança cristã ao eixo Europa-América do Norte. Ela reconhece que Deus tem levantado líderes, igrejas e movimentos missionários em diferentes partes do mundo, incluindo Brasil, Índia, Nigéria, Coreia do Sul e outras nações do Sul Global. Essas comunidades carregam experiências únicas de fé em ambientes marcados por diversidade cultural, desafios sociais e contextos religiosos complexos. Para Lamin Sanneh (2008), a expansão do cristianismo mundial está profundamente ligada ao processo de tradução cultural do Evangelho, no qual diferentes povos não apenas recebem a mensagem cristã, mas também participam da sua comunicação e contextualização. Assim, a missão global contemporânea deve ser compreendida como um movimento policêntrico, onde múltiplos centros de influência cooperam para o avanço do Reino de Deus.

Nesse novo contexto missionário surge a necessidade de modelos educacionais que preparem líderes para atuar em ambientes multiculturais e transculturais. A formação missionária do século XXI exige mais do que conhecimento bíblico tradicional; requer competências relacionadas à compreensão cultural, comunicação intercultural, liderança servidora, contextualização teológica e capacidade de desenvolver comunidades cristãs sustentáveis. Conforme Paul G. Hiebert (1994), a missão eficaz depende da habilidade de compreender profundamente os sistemas culturais nos quais o Evangelho é comunicado, evitando tanto a imposição cultural quanto a perda dos elementos essenciais da fé cristã. Dessa maneira, a educação teológica precisa acompanhar a realidade de uma Igreja global em movimento, formando líderes capazes de servir em diferentes contextos e estabelecer pontes entre culturas.

É dentro dessa realidade que nasce a Escola Global de Evangelismo, uma iniciativa voltada para a capacitação de pastores, líderes e obreiros cristãos em uma perspectiva internacional e transcultural. A proposta da Escola Global de Evangelismo está fundamentada na compreensão de que o futuro da missão dependerá cada vez mais de redes colaborativas entre igrejas, instituições acadêmicas e movimentos missionários de diferentes regiões do mundo. Ao conectar o Brasil, a Nova Inglaterra e comunidades cristãs

na Ásia, especialmente na Índia e no Nepal, essa iniciativa representa uma expressão prática da Missão Reversa, criando espaços de formação, discipulado e cooperação global.

A Escola Global de Evangelismo, portanto, não é apenas um programa educacional, mas um modelo emergente de parceria missionária que busca fortalecer líderes locais, promover intercâmbio cultural e contribuir para o avanço do Evangelho em diferentes contextos. Sua atuação demonstra que a missão contemporânea não deve ser estruturada apenas pelo paradigma de “quem envia” e “quem recebe”, mas por uma visão de colaboração no corpo global de Cristo. Como afirma Christopher J. H. Wright (2010), a missão nasce do próprio caráter missionário de Deus e envolve toda a Igreja participando da obra de Deus no mundo. Assim, a formação de líderes transculturais torna-se uma das estratégias fundamentais para uma nova era da missão cristã, marcada pela cooperação entre povos, culturas e continentes.

1. MISSÃO REVERSA E EXPANSÃO PARA A ÁSIA

O conceito de Missão Reversa, inicialmente associado ao movimento missionário do cristianismo do Sul Global em direção ao Norte Global, precisa ser ampliado para uma compreensão mais dinâmica e abrangente da missão no século XXI. Durante séculos, o paradigma predominante da missiologia moderna foi estruturado a partir de um fluxo majoritariamente unilateral: o Ocidente enviava missionários para o restante do mundo. Europa e América do Norte foram consideradas os grandes centros de produção teológica, formação missionária e envio de obreiros, enquanto África, Ásia e América Latina eram frequentemente compreendidas como campos receptores do Evangelho. Esse modelo trouxe contribuições significativas para a expansão cristã mundial, incluindo tradução das Escrituras, educação teológica e plantação de igrejas; entretanto, as transformações do cristianismo global exigem uma revisão desse paradigma. Como afirma David J. Bosch (2002), a missão deve ser compreendida a partir da perspectiva da *Missio Dei*, isto é, a missão pertence a Deus e a Igreja participa dela em diferentes contextos históricos e culturais. Portanto, a missão não pode permanecer limitada a uma direção geográfica específica, pois o Espírito Santo atua em todos os povos, levantando comunidades e líderes missionários em diferentes partes do mundo.

Nesse sentido, a Missão Reversa representa mais do que uma simples inversão do antigo fluxo missionário. Ela aponta para uma nova realidade em que a missão acontece em múltiplas direções: do Sul Global para o Norte Global, do Sul Global para o Sul Global, do Oriente para o Ocidente e também de todos os lugares para todos os lugares. A missão contemporânea não pode mais ser interpretada apenas pela lógica de “países enviados” e “países receptores”, pois essa divisão tornou-se insuficiente diante da complexidade do cristianismo mundial. Em sua obra *Introdução à Missão Reversa – O Círculo Completo do Evangelho*, Liete Soares (2026) argumenta que a Missão Reversa representa o fechamento de um ciclo histórico do Evangelho, no qual povos que receberam a mensagem cristã em gerações anteriores tornam-se participantes ativos da proclamação em novos contextos. Essa perspectiva reconhece que Deus não apenas envia missionários de determinados centros históricos, mas chama sua Igreja globalmente para participar da missão em diferentes culturas e realidades.

A missiologia tradicional, construída principalmente a partir das experiências missionárias ocidentais dos últimos séculos, continua oferecendo contribuições fundamentais; porém, ela não é mais suficiente para explicar completamente os movimentos missionários atuais. O século XXI exige uma missiologia capaz de pensar “fora da caixa”, superando modelos lineares e reconhecendo que o cristianismo se tornou uma fé verdadeiramente policêntrica. Andrew Walls (2002) demonstra que a história do cristianismo é marcada por constantes processos de transmissão, adaptação e apropriação cultural. O Evangelho atravessa fronteiras, mas também é transformado em sua expressão cultural sem perder sua essência. Assim, novas comunidades cristãs em diferentes partes do mundo não são apenas destinatárias da missão, mas também agentes missionários capazes de interpretar, comunicar e expandir a fé em seus próprios contextos e além deles.

A expansão da Missão Reversa para a Ásia revela uma das dimensões mais importantes dessa nova realidade missionária. A Ásia, especialmente a Índia, representa um dos contextos mais complexos e estratégicos da missão cristã contemporânea. Com uma população superior a 1,4 bilhão de habitantes, enorme diversidade linguística, cultural e religiosa, a Índia não pode ser vista apenas como um campo missionário, mas também como um centro emergente de liderança cristã contextualizada. O crescimento de comunidades cristãs locais, movimentos de discipulado e iniciativas de formação teológica demonstra que Deus está levantando líderes dentro do próprio contexto asiático. Conforme Philip Jenkins (2011), o futuro do cristianismo mundial está profundamente conectado ao crescimento das igrejas no Sul Global e em regiões fora do eixo tradicional europeu-americano.

Essa realidade desafia a Igreja global a repensar suas estratégias missionárias. Em vez de imaginar a missão como uma atividade de transferência de conhecimento de um centro dominante para uma periferia receptora, torna-se necessário desenvolver modelos baseados em parceria, mutualidade e aprendizado mútuo. Lamin Sanneh (2003) destaca que o cristianismo possui uma característica profundamente intercultural, pois sua expansão ocorre quando diferentes povos encontram maneiras próprias de expressar a fé cristã dentro de seus idiomas, símbolos e estruturas culturais. A missão, portanto, não consiste em exportar uma cultura religiosa, mas em testemunhar o Evangelho de forma encarnada e contextualizada.

A experiência da Escola Global de Evangelismo confirma essa mudança paradigmática ao integrar formação teológica, discipulado e prática missionária em contextos asiáticos como Índia e Nepal. Por meio de um modelo híbrido de educação e acompanhamento, líderes locais são capacitados dentro de sua própria realidade cultural, fortalecendo uma visão de missão que não cria dependência, mas promove multiplicação. Esse modelo demonstra que a formação missionária precisa acompanhar a realidade global: líderes locais preparados para alcançar seus próprios povos, mas também capazes de participar da missão internacional.

Portanto, a Missão Reversa no século XXI deve ser entendida como uma expressão da maturidade do cristianismo global. O futuro da missão não pertence exclusivamente ao Ocidente, ao Sul Global ou a qualquer região específica; pertence à Igreja mundial reunida na missão de Deus. A grande mudança paradigmática é compreender que não estamos mais diante de uma missão “do Ocidente para o mundo”, mas diante de uma missão “de todos os lugares para todos os lugares”. Essa nova visão amplia a cooperação entre povos, fortalece a diversidade do corpo de Cristo e aponta para uma abordagem missionária mais fiel à realidade do Evangelho global.

2. ESCOLA GLOBAL DE EVANGELISMO: EDUCAÇÃO HÍBRIDA, CONTEXTUALIZAÇÃO E FORMAÇÃO DE LÍDERES LOCAIS

A Escola Global de Evangelismo surge como uma resposta aos desafios da missão cristã contemporânea, reconhecendo que os modelos tradicionais de treinamento missionário precisam ser adaptados às novas realidades culturais, tecnológicas e sociais do século XXI. Em um mundo cada vez mais conectado, mas simultaneamente marcado por barreiras geográficas, políticas e religiosas, a formação de líderes precisa alcançar pessoas em seus próprios contextos. O modelo desenvolvido pela Escola Global de Evangelismo combina educação teológica, discipulado e prática ministerial por meio de uma abordagem híbrida, integrando ferramentas digitais com experiências presenciais de treinamento. Essa metodologia permite que pastores, líderes comunitários e obreiros cristãos em regiões remotas tenham acesso a formação contínua sem a necessidade de abandonar seus campos de atuação.

A educação híbrida utilizada pela Escola Global de Evangelismo está fundamentada na compreensão de que a formação missionária eficaz não acontece apenas pela transmissão de conteúdo acadêmico, mas pelo desenvolvimento integral de líderes. O modelo combina aulas teológicas online acessíveis a diferentes regiões, encontros presenciais intensivos em locais estratégicos, mentoria pastoral contínua e acompanhamento ministerial. Essa abordagem busca unir conhecimento bíblico, habilidades práticas

e maturidade espiritual, formando líderes capazes de interpretar suas próprias realidades culturais e responder aos desafios específicos de suas comunidades. Como destaca Paul G. Hiebert (1994), a missão transcultural exige uma profunda compreensão dos sistemas culturais, pois a comunicação do Evangelho precisa acontecer de maneira contextualizada, evitando tanto a imposição cultural quanto a perda da essência da mensagem cristã.

A contextualização torna-se especialmente importante em regiões como o Rajastão, no norte da Índia, onde fatores religiosos, culturais e legais criam desafios específicos para a presença cristã. Em determinados contextos asiáticos, comunidades cristãs minoritárias precisam desenvolver estratégias sábias para testemunhar sua fé em ambientes onde existem restrições legais, tensões sociais e limitações para manifestações públicas de identidade religiosa. Nesse cenário, a igreja frequentemente se organiza por meio de pequenas comunidades, redes familiares, grupos domésticos (*house churches*) e iniciativas comunitárias que permitem a continuidade da vida cristã e do discipulado. Esse modelo demonstra uma realidade importante da missão: a igreja não depende exclusivamente de grandes estruturas institucionais para existir e crescer, mas encontra caminhos criativos para cumprir sua vocação em diferentes ambientes.

A formação de líderes para igrejas domésticas e pequenas comunidades ocupa um papel central na estratégia da Escola Global de Evangelismo. Em contextos onde grandes estruturas podem ser difíceis de estabelecer, líderes locais preparados tornam-se fundamentais para o cuidado pastoral, discipulado, ensino bíblico e multiplicação da fé cristã. A liderança local não apenas fortalece a comunidade existente, mas cria sustentabilidade missionária, pois reduz a dependência de agentes externos e permite que a igreja cresça a partir de dentro da própria cultura. Segundo David J. Bosch (2002), a missão deve ser compreendida como participação na missão de Deus, na qual a igreja é chamada a testemunhar de maneira relevante dentro das realidades históricas onde está inserida.

Outro elemento estratégico desenvolvido pela Escola Global de Evangelismo é o uso da educação e da pedagogia como pontes de relacionamento comunitário. Em muitos contextos, a educação representa uma das formas mais eficazes de aproximação social, pois responde a necessidades concretas das famílias e cria espaços de confiança, diálogo e desenvolvimento humano. Através da educação infantil, ensino fundamental e orientação profissional, iniciativas educacionais podem funcionar como ferramentas de transformação social e construção de relacionamentos duradouros com comunidades locais. Nesse sentido, a educação não é vista apenas como uma atividade complementar, mas como uma expressão prática do amor cristão e uma oportunidade de serviço integral.

No contexto indiano, especialmente em comunidades hindus onde a presença cristã é minoritária, a educação e a pedagogia tornam-se instrumentos de conexão cultural e relacionamento comunitário. A proposta não é simplesmente oferecer conhecimento acadêmico, mas desenvolver uma presença cristã marcada pelo serviço, pela ética, pelo cuidado e pela demonstração prática dos valores do Evangelho. Ao mesmo tempo, essa atuação é realizada com sabedoria, respeito cultural e compreensão do contexto, reconhecendo as sensibilidades religiosas existentes. A missão cristã precisa equilibrar fidelidade ao Evangelho com sensibilidade cultural, compreendendo que o testemunho cristão envolve tanto proclamação quanto encarnação dos valores do Reino de Deus.

Nesse sentido, a Escola Global de Evangelismo trabalha com uma visão integrada de missão: servir pessoas de maneira integral sem perder a centralidade da proclamação do Evangelho. A educação, a assistência comunitária e os projetos sociais não substituem a missão evangelizadora, mas tornam-se expressões concretas do amor cristão. Como afirma Christopher J. H. Wright (2010), a missão da Igreja está relacionada ao grande propósito de Deus revelado nas Escrituras, envolvendo anúncio, testemunho e participação ativa na restauração do mundo criado por Deus.

A utilização desses métodos exige sabedoria, equilíbrio e discernimento. Em ambientes complexos, estratégias missionárias precisam considerar questões culturais, legais e sociais sem comprometer a identidade e a finalidade espiritual da missão. A contextualização não significa esconder a mensagem cristã,

mas comunicá-la de maneira compreensível e respeitosa dentro de cada cultura. Como observa Lamin Sanneh (2003), o cristianismo possui uma capacidade única de atravessar fronteiras culturais porque a mensagem do Evangelho pode ser expressa em diferentes línguas, povos e contextos.

Portanto, a Escola Global de Evangelismo representa um modelo emergente de missão para o século XXI, no qual educação, liderança, discipulado e evangelização trabalham juntos. Sua experiência na Ásia demonstra que a missão contemporânea exige criatividade, flexibilidade e uma visão global. O objetivo não é apenas formar líderes para um determinado contexto, mas preparar discípulos capazes de participar da missão de Deus em qualquer lugar do mundo. Essa abordagem confirma o princípio da Missão Reversa: o Evangelho não se move mais em uma única direção, mas através de uma Igreja global chamada para levar Cristo de todos os lugares para todos os lugares.

3. PARCERIA BRASIL-NOVA INGLATERRA-ÁSIA: UM MODELO DE COOPERAÇÃO MISSIONÁRIA GLOBAL

A parceria entre a Faculdade Batista Pioneira, as Baptist Churches of New England (BCNE), a New Life Community Church e líderes cristãos na Ásia representa um modelo emergente de cooperação missionária internacional baseado em reciprocidade, complementaridade e visão compartilhada do Reino de Deus. Diferentemente dos modelos missionários tradicionais estruturados principalmente a partir de uma relação vertical entre “quem envia” e “quem recebe”, essa iniciativa propõe uma abordagem horizontal, na qual diferentes comunidades cristãs contribuem com dons, experiências e recursos específicos. O século XXI exige uma nova compreensão da missão global, na qual instituições teológicas, igrejas locais e movimentos missionários trabalham em sinergia para responder aos desafios contemporâneos da evangelização.

Nesse modelo trilateral, cada região participa com uma contribuição estratégica dentro da missão de Deus. O Brasil, representado pela Faculdade Batista Pioneira, contribui com sua experiência histórica na formação teológica, desenvolvimento de líderes e reflexão missiológica contextual. Como uma instituição comprometida com a preparação pastoral e missionária, a Faculdade Batista Pioneira atua como um espaço de treinamento e produção de conhecimento, ajudando líderes a compreenderem os desafios da missão em diferentes culturas. Essa participação reflete uma mudança importante no cristianismo global: instituições do Sul Global não são apenas receptoras de conhecimento teológico produzido em outros centros, mas também produtoras de reflexão, formação e liderança missionária.

A Nova Inglaterra, por meio das Baptist Churches of New England e da New Life Community Church, contribui com uma experiência particular de ministério em um contexto historicamente cristão que passou por profundas transformações culturais. A região apresenta desafios relacionados à secularização, pluralismo religioso, declínio de estruturas tradicionais de igreja e necessidade de revitalização espiritual. Ao mesmo tempo, tornou-se um ambiente estratégico para compreender como igrejas podem servir em sociedades pós-cristãs. A experiência de igrejas locais trabalhando com comunidades multiculturais e imigrantes demonstra que a diversidade cultural pode ser uma ferramenta missionária poderosa. Nesse contexto, comunidades formadas por imigrantes deixam de ser vistas apenas como grupos que precisam ser alcançados e passam a ser reconhecidas como participantes ativos na missão de Deus.

A Ásia, especialmente regiões da Índia e do Nepal, representa não apenas um campo de atuação missionária, mas também um espaço de formação de novos líderes cristãos. Em contextos marcados por desafios sociais, religiosos e legais, igrejas locais desenvolvem formas criativas de testemunho, discipulado e multiplicação. A experiência asiática acrescenta à parceria uma perspectiva essencial: a capacidade da igreja de crescer em ambientes complexos, desenvolver liderança local e permanecer fiel ao Evangelho mesmo em situações adversas. Como observa Andrew Walls (2002), a história do cristianismo demonstra que a fé cristã se fortalece quando diferentes culturas participam do processo de transmissão e encarnação do Evangelho.

A base dessa parceria não está apenas em programas ou estruturas institucionais, mas em uma filosofia ministerial fundamentada na hospitalidade bíblica. A hospitalidade cristã, presente tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, sempre foi uma expressão concreta do caráter de Deus e uma ferramenta missionária. Desde a prática de receber o estrangeiro e o necessitado até os exemplos do ministério de Jesus acolhendo diferentes pessoas, a hospitalidade representa uma abertura para construir relacionamentos, criar pontes culturais e manifestar o amor de Deus de maneira prática. A igreja local, quando compreende a hospitalidade como parte de sua identidade missionária, deixa de ser apenas um espaço de reunião e torna-se uma comunidade aberta para conexões globais.

A partir dessa visão, uma igreja local pode se tornar um centro estratégico de mobilização missionária quando utiliza sabiamente os recursos que Deus já colocou ao seu redor. Igrejas possuem relacionamentos, espaços físicos, líderes, membros com diferentes competências profissionais e conexões internacionais. Quando esses recursos são organizados dentro de uma cultura de colaboração, uma igreja local pode alcançar uma influência muito maior do que suas próprias estruturas permitiriam isoladamente. A visão missionária se amplia quando igrejas trabalham juntamente com seminários, faculdades, organizações missionárias e redes internacionais.

Por isso, as instituições possuem um papel fundamental nessa nova realidade missionária. Uma igreja local possui proximidade relacional e a capacidade prática de servir pessoas; uma instituição teológica possui capacidade de pesquisa, formação e desenvolvimento de líderes; uma rede denominacional possui estrutura, conexões e mobilização. Quando esses elementos trabalham juntos, cria-se uma sinergia que fortalece a missão. A missão deixa de depender apenas de indivíduos visionários e passa a ser sustentada por uma cultura coletiva de cooperação.

Como destaca David Bosch (2002), a missão da Igreja deve ser compreendida como participação na missão de Deus, e não apenas como uma atividade organizada por instituições humanas. Isso significa que as estruturas são importantes, mas devem servir ao propósito maior do Reino de Deus. A colaboração entre Brasil, Nova Inglaterra e Ásia demonstra que diferentes partes do corpo de Cristo possuem contribuições únicas e necessárias. O objetivo não é estabelecer uma liderança dominante, mas construir uma rede onde todos aprendem, servem e participam.

Essa perspectiva está alinhada com a compreensão da Missão Reversa apresentada por Liete Soares (2026), na qual o Evangelho percorre um “círculo completo”, permitindo que povos que receberam a mensagem cristã em determinados momentos históricos tornem-se agentes ativos de sua expansão em novos contextos. A missão global do século XXI não acontece apenas por movimentos de envio tradicionais, mas por redes colaborativas nas quais igrejas e instituições de diferentes continentes participam conjuntamente.

Portanto, a parceria Brasil–Nova Inglaterra–Ásia revela um novo paradigma missionário: uma missão baseada em relacionamento, hospitalidade, educação, liderança e cooperação global. Esse modelo demonstra que uma igreja local, quando guiada por uma visão bíblica de acolhimento e colaboração, pode tornar-se uma plataforma para conectar culturas, capacitar líderes e participar da missão de Deus “de todos os lugares para todos os lugares”.

4. CONTEXTO DE PERSEGUIÇÃO E MISSÃO SUSTENTÁVEL

O norte da Índia e o Nepal representam alguns dos contextos mais complexos e desafiadores para o desenvolvimento da missão cristã contemporânea. Nessas regiões, comunidades cristãs minoritárias convivem com diferentes níveis de pressão social, desafios culturais, limitações legais e, em alguns casos, perseguição religiosa. Embora a realidade varie significativamente de estado para estado e de comunidade para comunidade, o crescimento de movimentos nacionalistas religiosos e a implementação de legislações restritivas relacionadas à conversão religiosa têm criado novos desafios para igrejas que procuram testemunhar publicamente sua fé. Em alguns estados da Índia, leis conhecidas como “leis anti-conversão” (*anti-conversion laws*) foram estabelecidas com o argumento de proteger contra conversões forçadas, mas

organizações cristãs e defensores da liberdade religiosa apontam que, em determinados contextos, essas leis podem ser utilizadas para limitar atividades evangelísticas legítimas e aumentar a vulnerabilidade das comunidades cristãs minoritárias.

Nos últimos anos, especialmente entre 2020 e 2025, diferentes estados indianos ampliaram e fortaleceram legislações relacionadas à conversão religiosa, estabelecendo procedimentos mais rígidos, penalidades e maior fiscalização sobre atividades consideradas evangelísticas. Essas normas variam conforme o estado, pois a Índia possui um sistema federal no qual determinados temas religiosos são regulados em nível estadual. Dessa forma, o contexto missionário exige uma compreensão cuidadosa das leis locais, da cultura e das sensibilidades religiosas. A missão cristã nesse ambiente precisa ser marcada por sabedoria, respeito, discernimento e fidelidade bíblica, compreendendo que o testemunho do Evangelho acontece tanto pela proclamação quanto pela demonstração prática do amor de Cristo.

Nesse cenário, a missão sustentável não pode depender exclusivamente de grandes estruturas institucionais visíveis ou modelos importados de outros contextos culturais. A realidade demonstra que, em ambientes onde existem restrições e desafios públicos, a igreja frequentemente cresce por meio de redes relacionais, pequenos grupos, discipulado pessoal, comunidades domésticas (*house churches*) e iniciativas sociais que criam vínculos profundos com a população local. Esses modelos não representam uma diminuição da missão, mas uma adaptação estratégica às circunstâncias. A história do cristianismo demonstra repetidamente que comunidades cristãs conseguem florescer mesmo em ambientes adversos quando existe liderança local forte, discipulado consistente e formação espiritual profunda.

Como observa David J. Bosch (2002), a missão deve ser entendida como participação na missão de Deus, e não simplesmente como expansão de uma instituição religiosa. Essa compreensão é essencial em contextos de restrição, pois desloca o foco de estruturas externas para a formação de discípulos e comunidades transformadas. A Igreja, nesse sentido, não depende apenas de edifícios, programas ou grandes eventos, mas da presença fiel de seguidores de Cristo capazes de viver e comunicar o Evangelho dentro de suas próprias realidades culturais.

A Escola Global de Evangelismo responde a esse contexto por meio de uma abordagem baseada em formação de líderes locais, discipulado multiplicador e educação contextualizada. Em vez de criar dependência externa, o objetivo é capacitar homens e mulheres que conhecem profundamente sua própria cultura e podem liderar comunidades cristãs de forma sustentável. A formação acontece por meio de educação híbrida, mentoria pastoral e desenvolvimento de habilidades ministeriais, permitindo que líderes continuem servindo dentro de seus próprios ambientes.

Esse modelo reconhece que, em contextos sensíveis, a sustentabilidade missionária está diretamente relacionada à capacidade de desenvolver liderança autóctone. Segundo Paul Hiebert (1994), uma das grandes necessidades da missão transcultural é evitar modelos nos quais a igreja local permanece dependente de recursos externos. A verdadeira contextualização acontece quando a comunidade local consegue compreender, expressar e multiplicar a fé cristã dentro de sua própria cultura.

Além disso, a Escola Global de Evangelismo utiliza a educação, a pedagogia e projetos comunitários como ferramentas estratégicas de relacionamento e presença cristã. Em regiões onde comunidades religiosas diferentes convivem lado a lado, iniciativas educacionais podem abrir portas para o diálogo, confiança e serviço. A educação infantil, o ensino básico e a orientação profissional funcionam como expressões práticas da hospitalidade cristã, criando ambientes onde famílias podem experimentar valores como amor, cuidado, excelência e dignidade humana.

Entretanto, a utilização dessas ferramentas não significa substituir a proclamação do Evangelho por ações sociais. A missão integral mantém unidos o serviço cristão e o anúncio de Cristo. A educação, a assistência comunitária e o desenvolvimento humano tornam-se pontes de relacionamento, mas o objetivo final permanece o testemunho do Evangelho. Como afirma Christopher J. H. Wright (2010), a missão

bíblica envolve toda a vida da Igreja: anunciar as boas novas, formar discípulos e participar da restauração promovida por Deus.

Portanto, em contextos marcados por restrições religiosas e desafios sociopolíticos, a missão sustentável exige criatividade, maturidade e equilíbrio. Não se trata de abandonar a identidade cristã, mas de comunicar o Evangelho com inteligência cultural e responsabilidade. A experiência da Escola Global de Evangelismo demonstra que a missão do século XXI precisa combinar fidelidade bíblica, sensibilidade cultural e desenvolvimento de líderes locais. Dessa forma, mesmo em ambientes complexos, a Igreja continua participando da missão de Deus, levando esperança, formando discípulos e testemunhando Cristo.

5. ESTUDO DE CASO: PASTOR ROY PETER, EDUCAÇÃO, PERSEGUIÇÃO E O NASCIMENTO DE UMA INICIATIVA MISSIONÁRIA GLOBAL

Um exemplo concreto da relação entre Missão Reversa, educação cristã, mobilidade migratória e formação de liderança em contextos de perseguição religiosa é a trajetória do Pastor Roy Peter, líder cristão indiano cuja história pessoal se tornou o ponto de partida para uma iniciativa missionária conectando a Índia, a Nova Inglaterra e redes globais de cooperação cristã. Sua caminhada demonstra uma das características centrais da missão no século XXI: Deus frequentemente utiliza histórias individuais, experiências de sofrimento, deslocamentos humanos e encontros providenciais para criar novas oportunidades de testemunho e expansão do Evangelho.

O Pastor Roy Peter nasceu em Kerala, região localizada no sul da Índia, conhecida historicamente por uma presença cristã mais estabelecida e por uma longa tradição de comunidades cristãs. Após sua formação teológica, porém, ele entendeu que seu chamado missionário não estava direcionado para permanecer em uma região onde já existia uma infraestrutura cristã mais desenvolvida, mas para responder a uma necessidade em uma das áreas mais desafiadoras do país: o Rajastão, no norte da Índia. Esse movimento representou uma decisão de obediência missionária, deixando uma região de maior familiaridade cultural para servir em um contexto onde a presença cristã era mais limitada e onde os desafios culturais e religiosos eram significativamente maiores.

No início dos anos 2000, o Pastor Roy Peter mudou-se com sua família para Marwar Junction, no Rajastão, e iniciou uma escola de ensino fundamental como uma plataforma de serviço comunitário e testemunho cristão. Ao longo de quase três décadas, essa iniciativa educacional tornou-se uma referência local, alcançando hoje mais de 600 crianças e adolescentes. A escola nasceu da convicção de que a educação poderia ser uma ponte de relacionamento com a comunidade, promovendo desenvolvimento humano, formação ética e oportunidades para famílias locais.

Essa experiência demonstra como a missão cristã pode utilizar ferramentas contextualizadas para construir uma presença sustentável. Em vez de depender apenas de estruturas religiosas formais, a iniciativa combinou educação, relacionamento comunitário e formação espiritual. A escola tornou-se um espaço onde professores, estudantes e famílias puderam experimentar valores cristãos através do cuidado, serviço e compromisso com a comunidade. Como afirma Christopher J. H. Wright (2010), a missão bíblica envolve tanto o anúncio das boas novas quanto a demonstração concreta do caráter do Reino de Deus através da vida da Igreja.

Entretanto, o ministério desenvolvido no Rajastão ocorreu em um ambiente marcado por desafios crescentes. O Pastor Roy Peter enfrentou oposição, perseguição, ameaças, agressões e prisão por causa de seu testemunho cristão e atuação comunitária. A pressão de grupos extremistas e as dificuldades enfrentadas por comunidades cristãs minoritárias tornaram sua permanência na região cada vez mais difícil. Essa realidade revela os desafios enfrentados por líderes locais que procuram servir suas comunidades em contextos onde

existem restrições religiosas e tensões sociais.

Diante da perseguição contínua e das ameaças à sua segurança, o Pastor Roy Peter foi forçado a deixar a Índia e buscar refúgio nos Estados Unidos. Atualmente, ele encontra-se em processo de busca de asilo, enquanto continua exercendo seu chamado ministerial por meio do ministério de missões e servindo ativamente na New Life Community Church. Sua história demonstra que a perseguição não encerrou sua vocação; pelo contrário, Deus utilizou sua jornada migratória para conectar diferentes partes do corpo de Cristo.

Foi através da história de vida do Pastor Roy Peter que uma nova iniciativa missionária na Índia começou a tomar forma. A missão não nasceu inicialmente de um planejamento estratégico externo, mas de um relacionamento, uma história real e uma necessidade percebida através da experiência de um líder que viveu o contexto. A perseguição sofrida por ele abriu uma porta para uma parceria entre a igreja local na Nova Inglaterra e o campo missionário na Índia.

Ao chegar aos Estados Unidos, o Pastor Roy Peter encontrou acolhimento na New Life Community Church, uma comunidade que compreende a hospitalidade bíblica como parte essencial de sua identidade ministerial. A igreja reconheceu que receber um líder imigrante e perseguido não era apenas uma ação de compaixão, mas também uma oportunidade missionária. A partir dessa relação, a New Life decidiu caminhar ao lado do Pastor Roy Peter, apoiando a continuidade do ministério iniciado no Rajastão e integrando essa visão às suas próprias iniciativas de missão e revitalização.

Essa parceria também passou a contribuir com o processo de revitalização da própria New Life Community Church. O encontro entre uma igreja histórica da Nova Inglaterra e um líder vindo de um contexto missionário asiático criou uma troca de experiências: enquanto a igreja americana oferece acolhimento, estrutura e recursos, o Pastor Roy Peter traz uma perspectiva de fé perseverante, liderança em contexto de perseguição e experiência missionária em ambientes complexos.

Esse processo representa uma expressão prática da Missão Reversa. O movimento não acontece apenas quando um missionário atravessa fronteiras, mas também quando Deus usa a diáspora, os relacionamentos e as comunidades locais para criar novos caminhos missionários. O Pastor Roy Peter tornou-se uma ponte entre o Rajastão, a comunidade indiana nos Estados Unidos e redes internacionais de cooperação cristã.

Por meio dessa conexão nasceu a expansão da Escola Global de Evangelismo, integrando educação, treinamento de líderes e discipulado. A iniciativa passou a unir três áreas estratégicas: a escola de educação infantil e fundamental em Marwar Junction; programas de capacitação profissional e orientação vocacional para jovens; e formação teológica básica de líderes cristãos locais. Mais de cem pastores e líderes receberam treinamento introdutório em teologia contextual aplicada, fortalecendo a capacidade da igreja local de desenvolver sua própria liderança.

Esse modelo confirma que a missão sustentável depende do desenvolvimento de líderes locais e não apenas da presença de agentes externos. Como argumenta Paul Hiebert (1994), comunidades cristãs saudáveis precisam desenvolver estruturas próprias de liderança e expressão da fé dentro de sua cultura. A formação contextualizada permite que a igreja permaneça forte mesmo diante de mudanças políticas, sociais ou desafios externos.

A trajetória do Pastor Roy Peter ilustra a tese central da Missão Reversa apresentada por Lierete Soares (2026): o Evangelho realiza um “círculo completo”, no qual pessoas e comunidades que receberam a mensagem cristã tornam-se agentes ativos na missão de Deus em novos contextos. Sua história conecta Kerala, Rajastão, a diáspora indiana nos Estados Unidos, a New Life Community Church e uma rede global de cooperação missionária.

Assim, a missão na Índia não começou apenas com um projeto ou uma estratégia institucional; ela começou com uma história de vida, uma perseguição, uma migração e uma oportunidade de Deus transformar sofrimento em missão. Esse caso demonstra que a missão do século XXI acontece através de

pessoas, relacionamentos e parcerias — uma missão “de todos os lugares para todos os lugares”.

6. MISSÃO REVERSA COMO MOVIMENTO MULTIDIRECIONAL

A Missão Reversa, neste novo estágio da história da Igreja global, precisa ser compreendida para além da ideia inicial de um movimento do Sul Global para o Norte Global. Embora esse fenômeno tenha revelado uma importante mudança no fluxo missionário tradicional, o desenvolvimento da missão no século XXI aponta para uma realidade ainda mais ampla: a missão tornou-se um movimento multidirecional, dinâmico e colaborativo, no qual Deus levanta sua Igreja em diferentes lugares do mundo para participar simultaneamente da proclamação do Evangelho. O antigo paradigma, no qual o Ocidente era visto principalmente como centro de envio missionário e outras regiões como campos receptores, já não descreve adequadamente a realidade atual do cristianismo global. Hoje, vemos uma Igreja mundial onde diferentes povos, culturas e comunidades participam da missão de Deus a partir de seus próprios contextos.

Esse novo cenário aponta para uma compreensão mais profunda da *Missio Dei*: a missão pertence primeiramente a Deus, e a Igreja é chamada a participar daquilo que Ele já está realizando no mundo. Como afirma David Bosch (2002), a missão não é simplesmente uma atividade da Igreja, mas uma participação da comunidade cristã no movimento redentor de Deus. Essa perspectiva muda a pergunta fundamental da missão. Em vez de perguntar apenas “quem envia e quem recebe?”, a Igreja global é chamada a perguntar “como podemos cooperar juntos na missão de Deus?”. Essa mudança permite enxergar a missão não como uma linha geográfica única, mas como uma rede viva de relacionamentos, dons, experiências e chamados.

Dentro dessa visão, a parceria envolvendo a Faculdade Batista Pioneira no Brasil, as Baptist Churches of New England (BCNE) nos Estados Unidos, a New Life Community Church em Georgetown, Massachusetts, e líderes cristãos na Ásia representa uma expressão concreta desse novo paradigma missionário. Cada parte dessa rede possui uma contribuição específica e, ao mesmo tempo, todos aprendem uns com os outros. O Brasil contribui com formação teológica, reflexão missiológica e treinamento de líderes; a Nova Inglaterra contribui com sua experiência em revitalização de igrejas, contexto pós-cristão e ministério multicultural; a Ásia contribui com sua experiência de fé perseverante, liderança local e missão em ambientes complexos.

A Faculdade Batista Pioneira desempenha um papel estratégico nesse movimento ao funcionar como um centro de formação e reflexão missiológica no Sul Global. Sua participação demonstra que instituições teológicas fora dos antigos centros ocidentais também possuem um papel fundamental na produção de conhecimento, capacitação de líderes e desenvolvimento de novas abordagens missionárias. A missão global do século XXI exige que seminários e faculdades teológicas não apenas preparem líderes para suas próprias regiões, mas também desenvolvam uma visão internacional, formando homens e mulheres capazes de servir transculturalmente.

Da mesma forma, a atuação das Baptist Churches of New England demonstra como uma rede denominacional pode contribuir para conectar igrejas locais, líderes e iniciativas missionárias globais. Em uma região marcada pela secularização e pela necessidade de revitalização espiritual, a BCNE tem buscado fortalecer igrejas, incentivar plantação e revitalização, e criar espaços onde diferentes culturas possam participar da missão. A presença de comunidades imigrantes dentro da Nova Inglaterra revela que Deus trouxe as nações até lugares historicamente considerados centros missionários, criando novas oportunidades de cooperação.

A New Life Community Church, localizada em Georgetown, Massachusetts, representa a dimensão local dessa visão global. A partir de uma filosofia ministerial fundamentada na hospitalidade bíblica, a igreja demonstra que uma comunidade local pode se tornar uma plataforma missionária internacional quando acolhe pessoas, desenvolve relacionamentos e reconhece os dons que Deus traz através de diferentes culturas. O encontro com líderes como o Pastor Roy Peter mostra que uma igreja local pode participar de

algo muito maior quando permite que histórias, experiências e chamados diferentes sejam conectados ao propósito de Deus.

Essa parceria evidencia que somente Deus poderia alinhar tantos elementos diferentes dentro de um mesmo propósito. Uma instituição acadêmica no Brasil, uma rede denominacional na Nova Inglaterra, uma igreja local em Massachusetts e líderes cristãos na Ásia encontrando caminhos comuns de cooperação revelam que a missão não é construída apenas por estratégias humanas, mas pela providência de Deus conduzindo sua Igreja. O que inicialmente poderia parecer conexões isoladas torna-se uma expressão de uma visão maior do Reino.

Andrew Walls (2002) destaca que a história do cristianismo demonstra um processo contínuo de transmissão da fé através de diferentes culturas. Cada nova geração e cada novo contexto acrescentam novas expressões ao corpo global de Cristo. Nesse sentido, a Missão Reversa não significa substituir um centro missionário por outro, mas reconhecer que Deus trabalha através de múltiplos centros de influência. O cristianismo global tornou-se policêntrico, e essa realidade exige uma nova maneira de pensar, organizar e praticar missão.

A frase “de todos os lugares para todos os lugares” resume essa nova compreensão. O Evangelho não pertence a uma nação específica, a uma cultura específica ou a uma região específica. A mensagem de Cristo atravessa fronteiras e continua sendo comunicada por diferentes povos, línguas e comunidades. A missão do futuro será cada vez mais caracterizada por parcerias, intercâmbios e cooperação entre igrejas que anteriormente talvez nunca imaginassem trabalhar juntas.

Portanto, a Missão Reversa como movimento multidirecional representa uma das grandes expressões da missão cristã contemporânea. Ela reafirma que Deus continua levantando sua Igreja globalmente e que cada comunidade possui um papel único no cumprimento da Grande Comissão. Brasil, Estados Unidos e Ásia, unidos através da Faculdade Batista Pioneira, Baptist Churches of New England, New Life Community Church e líderes locais, demonstram que a missão do século XXI não será definida por fronteiras, mas pela colaboração do povo de Deus em todos os lugares.

Como afirma Lierde Soares (2026), a Missão Reversa representa “o círculo completo do Evangelho”: um movimento no qual aquilo que Deus iniciou em uma cultura pode florescer em outra, retornando e avançando por novos caminhos. A missão continua sendo de Deus, e somente Ele é capaz de alinhar pessoas, instituições e nações para cumprir Seus propósitos.

7. ÍNDIA, SÃO TOMÉ E A CONTINUIDADE MISSIONÁRIA: UMA HERANÇA HISTÓRICA E UM NOVO MOVIMENTO GLOBAL

A Índia possui um significado histórico e teológico profundo dentro da narrativa do cristianismo mundial. A tradição cristã antiga associa a chegada do Evangelho ao subcontinente indiano ao apóstolo São Tomé, um dos doze discípulos de Jesus, que teria chegado à região ainda no primeiro século da era cristã. Embora existam diferentes discussões históricas e acadêmicas sobre detalhes específicos dessa tradição, a memória das comunidades cristãs de São Tomé permanece como um elemento fundamental da identidade cristã indiana. Essa herança demonstra que a presença cristã na Índia não é um fenômeno recente trazido exclusivamente por movimentos missionários modernos, mas faz parte de uma história muito mais ampla de transmissão da fé cristã através de povos, culturas e gerações.

A tradição de São Tomé nos lembra que o Evangelho chegou à Ásia muito cedo e que a missão cristã sempre foi, desde seu início, um movimento transcultural. O cristianismo nunca esteve limitado a uma única civilização ou região geográfica. Desde a Igreja primitiva, a fé cristã atravessou fronteiras linguísticas, culturais e políticas, estabelecendo comunidades em diferentes partes do mundo. Como afirma Andrew Walls (2002), a história do cristianismo é marcada por processos contínuos de encarnação cultural, nos quais o Evangelho é recebido, vivido e transmitido por diferentes povos. Dessa maneira, a experiência da

Igreja na Índia faz parte de uma narrativa maior da expansão global do cristianismo.

Nesse sentido, a atuação da Escola Global de Evangelismo no contexto indiano não representa o início da presença cristã na região, mas uma participação em uma história missionária que possui raízes profundas. O trabalho desenvolvido através da formação de líderes, discipulado e educação contextualizada conecta-se com essa continuidade histórica, fortalecendo comunidades cristãs locais e preparando novas gerações para participar da missão de Deus. A missão contemporânea não começa do zero; ela reconhece aquilo que Deus já iniciou ao longo da história e coopera com esse movimento.

De maneira simbólica e prática, ao visitar o Rajastão e outras regiões da Índia para ensinar, equipar líderes e fortalecer comunidades, a equipe da Escola Global de Evangelismo reconhece que está percorrendo caminhos que refletem o mesmo impulso missionário que marcou a expansão inicial do cristianismo na Ásia: levar a mensagem de Cristo, formar discípulos e estabelecer comunidades capazes de continuar o testemunho do Evangelho. Assim como São Tomé atravessou grandes distâncias culturais e geográficas para anunciar Cristo, a missão no século XXI continua atravessando fronteiras, agora através de redes globais de cooperação, educação e liderança.

O trabalho desenvolvido atualmente não se limita apenas aos alunos matriculados na Escola Global de Evangelismo. A iniciativa possui uma visão mais ampla de transformação comunitária, alcançando também professores e estudantes das escolas locais. Durante as visitas missionárias, além do ensino teológico para líderes cristãos, são realizados treinamentos pedagógicos, desenvolvimento de planos de aula, orientação profissional e capacitação de professores. Essa abordagem demonstra uma compreensão integral da missão: formar pessoas espiritualmente, academicamente e profissionalmente.

A capacitação de professores e alunos do ensino médio (*High School*) representa uma estratégia importante para fortalecer as próximas gerações. Em contextos onde a educação possui grande influência social, preparar educadores e estudantes significa investir na sustentabilidade da comunidade. A orientação profissional ajuda jovens a compreenderem suas vocações, desenvolverem habilidades e enxergarem possibilidades futuras de contribuição para suas famílias e comunidades. A missão, dessa forma, acontece através de relacionamentos duradouros e desenvolvimento humano integral.

Outro aspecto significativo desse movimento são as celebrações de conclusão e certificação dos alunos que participaram dos cursos oferecidos pela Escola Global de Evangelismo. Esses momentos representam mais do que uma cerimônia acadêmica; simbolizam reconhecimento, encorajamento e fortalecimento da liderança local. A certificação valoriza o compromisso daqueles que investem tempo em sua formação e demonstra que a preparação de líderes é uma prioridade estratégica para o crescimento saudável da igreja.

Todo esse trabalho é realizado de maneira gratuita para os participantes, seguindo uma filosofia de serviço e generosidade cristã. Entretanto, a sustentabilidade da iniciativa acontece por meio de uma rede de cooperação entre diferentes parceiros. A Faculdade Batista Pioneira oferece apoio logístico e pedagógico, contribuindo com formação teológica, estrutura educacional e desenvolvimento de conteúdo. As Baptist Churches of New England (BCNE) participam através de mobilização missionária, conexões estratégicas e apoio denominacional. A New Life Community Church, juntamente com outras igrejas locais parceiras, contribui financeiramente para que esse projeto continue alcançando líderes, professores e comunidades.

Esse modelo demonstra uma característica fundamental da Missão Reversa: diferentes partes do corpo de Cristo trabalham juntas, cada uma oferecendo aquilo que recebeu de Deus. Nenhuma instituição ou igreja realiza essa missão isoladamente. O projeto nasce da colaboração entre igreja local, instituições educacionais, redes denominacionais e líderes locais. Essa cooperação reflete o princípio bíblico de que a missão é uma responsabilidade compartilhada por toda a Igreja.

Como destaca David Bosch (2002), a missão deve ser entendida como participação na *Missio Dei*. Deus é o verdadeiro autor da missão, e a Igreja participa como instrumento de Seu propósito. Essa compreensão impede que a missão seja vista como propriedade de uma organização específica ou de uma

determinada cultura. Pelo contrário, reconhece que Deus pode unir pessoas e instituições diferentes para realizar Seus planos.

A experiência na Índia revela, portanto, uma continuidade missionária que conecta o passado, o presente e o futuro. A memória de São Tomé representa o início de uma longa história de testemunho cristão; a Escola Global de Evangelismo representa uma nova expressão dessa história no século XXI. O Evangelho que chegou à Índia há séculos continua sendo anunciado, ensinado e vivido através de novas gerações de discípulos.

Assim, a missão realizada no Rajastão e em outras regiões da Índia demonstra que o movimento missionário contemporâneo não é simplesmente uma repetição dos modelos antigos, mas uma renovação da vocação da Igreja. A missão continua sendo uma jornada de fé, obediência e cooperação — uma missão que segue o exemplo dos primeiros discípulos e que hoje acontece “de todos os lugares para todos os lugares”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da Escola Global de Evangelismo, desenvolvida em parceria com a Faculdade Batista Pioneira, as Baptist Churches of New England (BCNE) e a New Life Community Church, representa uma expressão concreta das novas dinâmicas da missão cristã no século XXI. Mais do que um projeto educacional ou uma iniciativa isolada de treinamento, essa experiência demonstra o surgimento de um movimento missionário integrado, fundamentado na cooperação entre igrejas locais, instituições teológicas e líderes de diferentes contextos culturais. O que está sendo desenvolvido entre Brasil, Nova Inglaterra, Índia e Nepal revela uma mudança importante na forma como a missão global é compreendida: não como um fluxo unilateral de envio, mas como uma rede viva de relacionamentos, aprendizado mútuo e participação conjunta na missão de Deus.

A trajetória construída através da Escola Global de Evangelismo confirma que a Missão Reversa não deve ser limitada apenas ao conceito de cristãos do Sul Global indo para o Norte Global. O movimento é muito mais amplo: trata-se de uma missão multidirecional, onde Deus levanta pessoas e comunidades em diferentes partes do mundo para cooperarem no cumprimento da Grande Comissão. Brasil, Estados Unidos e Ásia passam a fazer parte de uma mesma história missionária, demonstrando que o Evangelho não pertence a uma cultura específica, mas continua atravessando fronteiras, idiomas e realidades sociais.

A atuação no contexto indiano, especialmente em regiões como o Rajastão, evidencia que a missão contemporânea exige coragem, sabedoria e profunda contextualização. Existem riscos reais envolvidos em visitas missionárias, treinamentos e atividades evangelísticas em lugares onde há restrições religiosas, tensões sociais e desafios relacionados à liberdade religiosa. Entretanto, a Igreja continua sendo chamada a obedecer ao mandato de Cristo: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações” (Mateus 28.19). Essa obediência precisa ser acompanhada por discernimento, prudência e amor pelas pessoas, compreendendo que a proclamação do Evangelho deve acontecer com fidelidade bíblica e sensibilidade cultural.

A história do Pastor Roy Peter demonstra essa realidade de forma concreta. Sua trajetória revela que a missão frequentemente nasce em meio a desafios, sacrifícios e circunstâncias inesperadas. Uma história marcada por chamado, perseguição, deslocamento e perseverança tornou-se uma ponte para conectar a Índia com a Nova Inglaterra e gerar uma nova oportunidade de cooperação missionária. Deus transformou uma experiência de sofrimento em uma plataforma de formação de líderes, educação e expansão do Evangelho.

Nesse processo, a educação tornou-se uma das ferramentas mais estratégicas da missão. A Escola Global de Evangelismo demonstra que o discipulado no século XXI pode utilizar novas tecnologias e novos modelos de formação sem perder sua essência espiritual. A combinação entre aulas online, encontros presenciais, mentoria, capacitação de professores e formação de líderes mostra que a missão pode alcançar lugares onde modelos tradicionais talvez tenham limitações.

Há uma imagem que ajuda a compreender essa realidade. O cineasta brasileiro Glauber Rocha, ao falar sobre o Cinema Novo, ficou associado à ideia de “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, expressando criatividade e simplicidade diante de grandes desafios. De maneira semelhante, a Escola Global de Evangelismo caminha para seu terceiro ano de existência com uma visão missionária simples e adaptada ao nosso tempo: “um celular ou um computador na mão dentro de uma reunião de Zoom”. A tecnologia tornou-se uma ferramenta missionária que permite conectar professores, líderes e discípulos em diferentes continentes.

Entretanto, a tecnologia nunca substitui a missão relacional. Plataformas digitais são instrumentos, mas o centro continua sendo pessoas formando pessoas. O objetivo não é apenas transmitir conteúdo, mas desenvolver líderes capazes de multiplicar discípulos em seus próprios contextos. A verdadeira sustentabilidade missionária acontece quando comunidades locais são fortalecidas para continuar o trabalho mesmo em ambientes difíceis.

Como afirma David Bosch (2002), a missão pertence a Deus e a Igreja participa dela como instrumento de Seu propósito. Essa compreensão nos lembra que projetos missionários não dependem apenas de recursos humanos ou estratégias organizacionais, mas da ação soberana de Deus guiando sua Igreja. A parceria entre a Faculdade Batista Pioneira, BCNE, New Life Community Church e líderes asiáticos demonstra que somente Deus poderia alinhar instituições, pessoas e culturas tão diferentes em torno de um mesmo propósito.

A experiência da Escola Global de Evangelismo também aponta para o futuro da educação teológica e missionária. O século XXI exigirá líderes preparados para servir em ambientes multiculturais, sociedades secularizadas, contextos de perseguição e comunidades em transformação. A formação missionária precisará ser cada vez mais acessível, contextualizada e global. Não basta preparar líderes para uma única cultura; é necessário formar discípulos capazes de compreender e servir a Igreja mundial.

Portanto, a Escola Global de Evangelismo representa um pequeno retrato de uma grande transformação que está acontecendo no cristianismo global. A missão não está mais concentrada em poucos centros históricos; ela está espalhada pelo corpo global de Cristo. O futuro da missão será construído através de parcerias, hospitalidade, formação de líderes e cooperação entre povos.

A missão do século XXI é uma missão “de todos os lugares para todos os lugares”. E, como demonstra essa experiência, quando a Igreja responde ao chamado de Deus com fé, criatividade e cooperação, novas portas se abrem para que o Evangelho continue alcançando todas as nações.

REFERÊNCIAS

BOSCH, David J. **Missão Transformadora**: mudanças de paradigma na Teologia da Missão. São Leopoldo: Sínodo, 2002.

HIEBERT, Paul G. **Anthropological Insights for Missionaries**. Grand Rapids: Baker Academic, 1994.

JENKINS, Philip. **The Next Christendom**: the coming of Global Christianity. 3.ed. Oxford: Oxford University Press, 2011.

SANNEH, Lamin. **Disciples of All Nations**: pillars of World Christianity. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SANNEH, Lamin. **Whose Religion Is Christianity?** The Gospel Beyond the West. Grand Rapids: Eerdmans, 2003.

SOARES, Lierete. **Introdução à Missão Reversa**: o círculo completo do Evangelho. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2026.

WALLS, Andrew F. **The Cross-Cultural Process in Christian History**: studies in the transmission and appropria-

tion of faith. Maryknoll: Orbis Books, 2002.

WRIGHT, Christopher J. H. **The Mission of God:** Unlocking the Bible's Grand Narrative. Downers Grove: IVP Academic, 2010.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional